

O início da Guerra Fria nas páginas da imprensa escrita brasileira (1946-1949)*

*Edvaldo Correa Sotana***

Resumo. O desfecho da Segunda Guerra Mundial gerou uma breve expectativa em torno do estabelecimento da paz mundial. No entanto, o temor de um novo conflito passou a integrar o cenário internacional no começo de um período denominado Guerra Fria. Disputas políticas, econômicas, diplomáticas e ideológicas começaram a ser travadas entre Estados Unidos e União Soviética. Aos poucos, formavam-se dois blocos: um capitalista e o outro socialista. O início desse embate foi pauta jornalística da imprensa escrita brasileira. *O Estado de S. Paulo, Folha da Manhã, Correio da Manhã e Jornal do Brasil* exploraram esse tema em reportagens, editoriais, artigos assinados, colunas fixas e charges. Analisar esse material jornalístico sobre os lances iniciais da Guerra Fria é o objetivo central deste artigo.

Palavras-chave: Guerra Fria; Imprensa escrita; Jornalismo internacional.

Reports on the beginning of the Cold War in the Brazilian press (1946-1949)

Abstract. Although World War II triggered a brief expectation for the establishment of world peace, the fear of new conflicts hovered on the international scene at the start of the so-called Cold War. Political, economical, diplomatic and ideological rives between the United States and the Soviet Union became commonplace. The capitalist and the socialist blocks were gradually established and the start of the conflict was a high theme in Brazilian journalism. *O Estado de S. Paulo, Folha da Manhã, Correio da Manhã and Jornal do Brasil* exploited the theme by reports, editorials, articles, columns and charges. The analysis of this journalistic material on the initial skirmishes of the Cold War is central to this paper.

Keywords: Cold War; Written press; International journalism.

* Artigo recebido em 20/04/2013. Aprovado em 03/01/2014.

** Doutor em História pela Unesp/Assis/SP. Professor Adjunto do Curso de História da UFMS, Aquidauana/MS, Brasil. E-mail: sotana.ufms@gmail.com

El comienzo de la Guerra Fría en las páginas de la prensa escrita brasileña (1946-1949)

Resumen. El resultado de la Segunda Guerra Mundial generó una breve expectativa sobre el establecimiento de la paz mundial. Sin embargo, el temor de un nuevo conflicto pasó a ser parte del escenario internacional con el comienzo de un período denominado Guerra Fría. Los Estados Unidos y la Unión Soviética comenzaron con sus disputas políticas, económicas, diplomáticas e ideológicas. Paulatinamente, se formaron dos bloques: uno capitalista y otro socialista. El inicio de este enfrentamiento fue una de las pautas periodísticas de la prensa escrita brasileña. Los periódicos *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Correio da Manhã* y *Jornal do Brasil* trataron este tema en reportajes, editoriales, artículos firmados, columnas fijas y caricaturas. El principal objetivo de este artículo es analizar este material periodístico sobre los inicios de la Guerra Fría.

Palabras Clave: Guerra Fría; Prensa escrita; Periodismo internacional.

Introdução

A guerra fria é um conflito de palavras. Deliciosa ‘revanche’ dos escritores, dos poetas, dos oradores — indivíduos que lidam com as palavras — sobre os truculentos homens da guerra ativa, os generais, os estrategistas, os aviadores, os soldados (O ESTADO DE S. PAULO, 05 maio. 1949, p. 06).

Ainda no artigo, o comentador do jornal *O Estado de S. Paulo* enfatizou: “a palavra é a mais perigosa, a mais sutil, a mais penetrante das armas”. E concluiu: “a palavra que dá volta ao mundo, viva, palpitante e ativa, pode ser mais eficiente, como arma de guerra, que a bomba atômica”. Essa avaliação foi apresentada no texto intitulado “A guerra fria no Rádio” e veiculado na página sobre artes, cinema, rádio e circo. A partir de um telegrama enviado pela agência internacional de notícias *France-Presse* (AFP), o texto pretendia informar que o Departamento de Estado norte-americano havia protocolado, junto à União Internacional de Telecomunicações, uma denúncia “contra ‘perturbações’ causadas” pela União das Republicas Socialistas Soviéticas

(URSS) nas transmissões da “Voz da América”(O ESTADO DE S. PAULO, 05 maio. 1949, p. 6). No texto, o articulista registrou que as “palavras” importavam nos embates travados na Guerra Fria e demonstrou que, em 1949, o tema já era corriqueiro na imprensa escrita brasileira. É certo que a Guerra Fria se constituiu num fenômeno complexo para os estudiosos ocupados com a História Contemporânea. Entre o período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial e o fim da década de 1980, adeptos do capitalismo e do comunismo cultivaram embates ideológicos e tensões diplomáticas. Disputas políticas, econômicas e militares — tendo à frente EUA e URSS — deram a tônica do período. É preciso lembrar que existe um amplo debate sobre suas origens.¹ Alguns escritores norte-americanos têm enxergado a Guerra Fria como uma batalha ideológica entre democracia e comunismo, com as origens remontando à Revolução Russa de 1917. Embora não se ignore o fundo de relações hostis, a investigação histórica comumente atribui uma importância crucial aos acontecimentos de meados dos anos 1940 (SMITH, 1989).

¹ Em meio à imensa produção, Munhoz (2004, p. 264-268) indicou as ideias centrais de cinco correntes analíticas sobre o início da Guerra Fria, a saber: “a ortodoxia, a história oficial soviética, o revisionismo, o pós-revisionismo e o corporativismo.” Sugeriu que os autores da denominada ortodoxia responsabilizaram a URSS pelo seu início em função da recusa em “sair dos territórios conquistados pela força.” Já a história oficial ou ortodoxia soviética tomou o início do conflito como “produto da agressividade imperialista e do descumprimento, pelos Estados Unidos, dos acordos firmados durante a Segunda Guerra.” Segundo Munhoz, a corrente revisionista, surgida no final da década de 1950, destacou “as determinações da economia doméstica e a influência da ideologia na formulação” da política externa estadunidense. Conforme tais estudiosos, a URSS, arrasada pela guerra, não se constituía em real ameaça à segurança da Europa Ocidental, mas precisava manter ação defensiva em relação “a postura agressiva adotada pela diplomacia norte-americana.” Na década de 1980, com uma perspectiva “pró-ocidental”, o modelo interpretativo “autodenominado pós-revisionista” apontou que os EUA “apareciam como protetores do mundo ocidental, frente ao expansionismo soviético, assumindo uma postura imperial a pedido das nações que se sentiam ameaçadas” pela URSS. Ainda segundo Munhoz, a escola *corporativista* “buscou, nos Estados Unidos, a estruturação de uma nova ordem econômica tanto interna quanto externa. Essa análise privilegia a influência da economia doméstica, das questões sociais e ideológicas na diplomacia. Assim, a política externa seria profundamente influenciada pela pressão dos grupos organizados internos.” Deve-se registrar, por fim, que o trabalho de Sidnei Munhoz (2004) também indica ampla bibliografia especializada para os interessados em compreender o debate historiográfico sobre o início da Guerra Fria.

Em ensaio que trata do debate interpretativo referente ao início da Guerra Fria, Sidnei Munhoz afirmou que “desde a posse de Truman acelerou-se o enfrentamento entre Estados Unidos com a União Soviética”. E avaliou:

Existem claras evidências da mudança na direção da política externa norte-americana. Como exemplo elucidativo, podemos mencionar que seis dos dez secretários de Estado de Roosevelt foram substituídos entre o final de junho e meados de julho de 1945. Outros secretários foram exonerados posteriormente. A adoção de uma nova postura, pelos Estados Unidos, levantou suspeitas, do lado soviético, de que as democracias ocidentais pretendiam eliminar a sua área de influência no Leste europeu. Os soviéticos ainda buscaram a negociação diplomática, durante 1946, mas a tensão cresceu de forma progressiva na região. Objetivando manter o controle da área, a União Soviética aumentou a repressão e restringiu o processo democrático na sua área de influência. Em março de 1946, Churchill pronunciou o seu famoso discurso sobre a cortina de ferro que havia sido imposta a diversas capitais europeias (2004, p. 272-3).

De acordo com Vizentini (2000, p. 198-204), o discurso proferido por Churchill transformou-se em “símbolo maior dos ventos da Guerra Fria”. Ainda segundo o autor, a rivalidade foi impulsionada, em 1947, pela proclamação da Doutrina Truman, pelo plano Marshall e pelo discurso em que Zadanov, então dirigente soviético, afirmou ser irredutível o antagonismo entre socialismo e capitalismo. Sendo assim, como ressaltou Smith (1989, p. 21-22), Estados Unidos e União Soviética tornaram-se adversários declarados em 1947, constituindo um peculiar estado de enfrentamento em que ambos se ameaçavam mutuamente e se preparavam para uma terceira guerra mundial que, de fato, nunca se materializou.

Convém lembrar que a Guerra Fria também ajudou a moldar a política externa e a política interna da maioria das nações ao redor do globo.² De fato, poucos países escaparam da sua influência (LEFFLER; PAINTER, 2005, p.

² A obra *Origins of the Cold War* reuniu ensaios pretendendo demonstrar como as rivalidades entre EUA e URSS ajudaram a “moldar” as condições política, econômicas e sociais de outras nações (LEFFLER; PAINTER, 2005).

01). Durante o governo Dutra, os comunistas brasileiros e as suas atividades sofreram todo tipo de perseguições e restrições, sobretudo, em função do início da Guerra Fria.³A primeira medida concreta do governo Dutra foi expurgar, em maio de 1946, todos os funcionários públicos que eram reconhecidamente membros do Partido Comunista do Brasil (PCB). Violação de imunidade dos parlamentares, invasão de sedes, fechamento dos jornais, dissolução dos “comitês democráticos”, suspensão das atividades da União da Juventude Comunista (UJC) e repressão aos comícios tornaram-se medidas comuns ainda em 1946 (CHILCOTE, 1982, p.171). Em maio de 1947, o registro eleitoral do PCB foi cancelado pelo TSE. Em 1948, o Senado aprovou o projeto de cassação dos mandatos dos parlamentares comunistas. Nos anos seguintes, práticas repressivas incidiram sobre os comunistas brasileiros que viajaram à URSS e publicaram relatos sobre o “mundo soviético” (SOTANA, 2006, p. 85-110). Vale lembrar, ainda, que o rompimento diplomático entre Brasil e URSS ocorreu em outubro de 1947 e pode ser tomado como “ponto culminante de processo tenso iniciado em 1946” (MOTTA, 2007, p. 237).

Em artigo que trata das representações sobre o comunismo em órgãos da imprensa escrita gaúcha, Reichel observou que a rivalidade entre EUA e

³ Sobre o caso brasileiro, convém relacionar a retomada das arbitrariedades impostas aos comunistas ao alinhamento do governo Dutra aos EUA. Rodeghero (2007, p. 21) demonstrou, por exemplo, o modo como o corpo diplomático norte-americano que atuava no Brasil contribuiu para as campanhas anticomunistas e como “as práticas anticomunistas domésticas dos Estados Unidos influenciavam nas leituras sobre as práticas brasileiras.” No entanto, o anticomunismo não foi uma invenção da grande imprensa brasileira no período inicial da Guerra Fria. Rodrigo Patto Sá Motta (2002) destacou que jornais adotaram uma postura anticomunista frente à Revolução Russa de 1917. Porém, salientou que, com o movimento comunista de 1935, se disseminou e consolidou o anticomunismo, fornecendo as bases para uma sólida tradição anticomunista brasileira, formada por um amplo espectro ideológico que reunia reacionários, conservadores, liberais e militantes de esquerda. Assim, segmentos como o Estado, a Igreja católica, os organismos sociais, os partidos políticos e a imprensa contribuíram para a constituição de um conjunto diversificado de representações sobre o chamado “perigo vermelho”. Tais representações sustentaram o combate e a repressão aos militantes comunistas em algumas conjunturas históricas específicas, sobretudo no período posterior ao movimento comunista de 1935, no momento inicial da Guerra Fria e no período anterior ao golpe militar de 1964.

URSS vinha se desenvolvendo desde a Revolução Russa. Nos anos iniciais da Guerra Fria, porém, a aliança para combater o nazifascismo se dissipou, as rivalidades aumentaram e “o comunismo substituiu o nazismo como inimigo e foi representado, principalmente na imprensa, como a grande ameaça que a América Latina devia combater”. Argumentou, ainda, que as notícias publicadas nos jornais “contribuíram para que o comunismo se tornasse objeto de conflitos sociais e políticos e que atuasse decisivamente nas políticas interna e externa dos países da América Latina” (REICHEL, 2004, p. 207).

A imprensa escrita pode ser, portanto, relevante fonte para o historiador interessado em entender os “efeitos gerados” pela Guerra Fria no Brasil.⁴ Conforme Munhoz:

as estratégias adotadas pelas grandes potências, durante a Guerra Fria, influenciaram profundamente a vida do cidadão comum, nas mais diversas regiões do planeta, mesmo que, cotidianamente, ele não percebesse tal fato. Desse modo, a imagem que o cidadão mediano possuía do conflito, de uma forma geral, estava associado às mensagens veiculadas pela grande imprensa, aos filmes, às canções, às histórias em quadrinhos e a outros meios que produziam imagens extremamente ideologizadas e estereotipadas do confronto, motivo pelo qual, tais fontes, outrora menosprezadas, têm sido reconhecidas como de grande relevância para o estudo dos efeitos gerados pela Guerra Fria ao longo do século XX (2004, p. 275).

Os lances iniciais desse embate foram percebidos pela imprensa escrita brasileira e transformados em pauta jornalística. É preciso, porém, evidenciar o modo como tal material foi produzido. Deve-se observar que os jornais brasileiros não possuíam tradição em enviar correspondentes internacionais para cobrir acontecimentos em terras estrangeiras. O alto custo financeiro para manter esse tipo de profissional, a incipiente especialização dos jornalistas e a complexidade da conjuntura política internacional entre o final da Segunda Guerra Mundial e o início da Guerra Fria contribuíram para

⁴ Também é importante olhar para as imagens divulgadas em outros meios. Valim (2006), por exemplo, apresenta profícua análise sobre a produção cinematográfica entre os anos de 1945 e 1954.

que os periódicos brasileiros consumissem serviços prestados pelas agências internacionais de notícias (SOTANA, 2010). O material enviado pelas agências *Reuters*, *United Press* e *Associated Press Internacional* foi utilizado para elaboração do noticiário internacional, alimentando redatores e jornalistas ocupados em produzir editoriais, artigos assinados, colunas fixas, matérias de capa e reportagens.⁵

Analisar o material jornalístico sobre o início da Guerra Fria é o objetivo central deste artigo. Especificamente, o trabalho tem como fontes as reportagens, os mapas, as colunas fixas, os artigos, os editoriais e as charges veiculadas nos jornais *O Estado de S. Paulo (OESP)*, *Folha da Manhã (FM)*, *Correio da Manhã (CM)* e *Jornal do Brasil (JB)*.⁶ Espera-se contribuir para a elucidação de alguns aspectos relativos à produção e divulgação do noticiário internacional nas páginas da imprensa escrita brasileira no final dos anos 1940, pontualmente no que se refere à cobertura jornalística relativa aos lances iniciais da Guerra Fria⁷, sem, é claro, desconsiderar o anticomunismo como presente na sociedade brasileira e como traço marcante da posição político-ideológica dos jornais escolhidos.

⁵ São poucos os estudos sobre o noticiário internacional na imprensa escrita brasileira. Consultar principalmente o trabalho de João Batista Natali (2004), a dissertação de Andreia Carolina S. Peres (2005) e a tese de Orivaldo Biagi (2001). Além deles, podemos citar outros dois trabalhos que trazem discussão sobre a operação realizada pelos jornalistas brasileiros para produção do noticiário internacional com material proveniente das Agências Internacionais de Notícias. Consultar: Sotana (2010, p. 82-108) e Rafael Henrique Antunes (2013, p.41-63).

⁶ A partir de agora, usaremos as siglas para citar os jornais. Para o artigo, foram escolhidos dois jornais publicados no Rio de Janeiro e dois em São Paulo. Mesmo na década de 1940, OESP, FM, CM e JB podem ser considerados de circulação nacional. Parece possível tomá-los como integrantes da denominada “grande imprensa”, ou seja, um “conjunto de títulos que num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro” (DE LUCA, 2008, p. 149). Porém, deve-se observar que a classificação não pretende mitificar o papel desempenhado por tais periódicos e nem reforçar uma visão pejorativa sobre os jornais com menor circulação, perenidade, precário aparelhamento técnico e situação financeira deficitária.

⁷ O presente artigo trata do material veiculado pela imprensa entre os anos de 1946 e 1949, ou seja, na denominada Primeira Guerra Fria (1946-1953), tal como tipificou Fred Halliday (MUNHOZ, 2004, p. 268).

A Guerra Fria nos jornais brasileiros

Os primeiros ventos da Guerra Fria começaram a soprar ainda no início de 1946. Aos poucos, as declarações feitas pelos líderes mundiais ampliavam as tensões entre EUA e URSS (DELMAS, 1979, p. 48). Em março, Winston Churchill proferiu discurso criticando a ação soviética no Leste Europeu. No Westminster College de Fulton, no Missouri, Estados Unidos, o líder britânico afirmou que uma cortina de ferro descera sobre metade da Europa (VIZENTINI, 2000, p. 198-202). Seu pronunciamento ressaltou a deterioração das relações entre os antigos aliados⁸ e procurou sensibilizar a opinião pública norte-americana para o perigo que representava a sovietação do Leste Europeu. Ademais, apelou ao governo estadunidense para que tanto a Grécia quanto a Turquia não ficassem sob a influência soviética (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 13).

O pronunciamento do ex-primeiro-ministro britânico não passou despercebido pela imprensa escrita brasileira. *O Estado de S. Paulo*, por exemplo, publicou matéria intitulada “Grande repercussão provocam os ataques de Churchill à Rússia” (07 mar. 1946, p. 1). Alguns trechos do pronunciamento foram veiculados pelos jornais *Folha da Manhã* e *Jornal do Brasil*. Além disso, os três periódicos o classificaram como uma advertência das democracias ao expansionismo soviético (FM, 07 mar. 1946, p. 1; JB 07 mar. 1946, p. 1; 6). Nos dias seguintes, a posição de Churchill foi amplamente debatida em reportagens, artigos e editoriais OESP, 07 e 08 mar. 1946, p. 3; 09 mar. 1946, p. 16; FM, 09 mar. 1946, p. 1).

⁸ É preciso, porém, ter cuidado para não tomar o período da aliança para combater o nazifascismo como de harmonia entre EUA e URSS. Como observou Vizentini (2004, p. 12), “mesmo durante a vigência da Grande Aliança (expressão de Churchill), houve sempre uma disputa estratégica visando a moldar a ordem internacional pós-Segunda Guerra”. Assim, a análise dos resultados da Segunda Guerra “constituiu um elemento fundamental para a compreensão da Guerra Fria, particularmente do seu desencadeamento” (VIZENTINI, 2004, p. 65).

Na avaliação da fala do líder britânico, os jornalistas também indicaram à formação de dois blocos políticos. Na *Folha da Manhã*, o articulista Raul Pollilo ponderava que o discurso do ex-primeiro-ministro podia “conter muitos erros”, mas também “muita sabedoria”. Apesar de não esclarecer aquilo que a declaração continha de sabedoria, associava o seu conteúdo à instalação dos blocos políticos e explicitava que o pronunciamento instalava, de uma vez por todas, no rol dos temores internacionais, a probabilidade de um conflito bélico entre o bloco soviético e o anglo-americano: “é a realidade da oposição declarada entre os interesses do mundo de língua inglesa e os interesses do mundo de ideologia soviética. E é miopia não ver nisso o germe de uma futura guerra — se Deus não se apiedar da humanidade” (FM, 09 mar. 1946, p. 2).

Porém, o mesmo jornal registrava certa dificuldade em se produzir uma avaliação dos rumos tomados pela política mundial, mesmo que esta tarefa fosse empreendida por um sujeito acostumado em analisar as transformações/permanências do cenário internacional ao longo do tempo. O texto veiculado na coluna “O momento internacional” ressaltava:

Se um historiador pretendesse levar adiante a iniciativa de definir a época que agora estamos atravessando, ele não encontraria, talvez, melhor maneira de fazer isso do que chamando o nosso tempo de “fase de desentendimentos e de ingratidão”. Por que o mundo inteiro vai se afundando nos desentendimentos, e não poucos países se manifestam arrogantemente ingratos para os homens e as nações que, na hora da amargura, lhes deram a mão. E por que essa é a nota fundamental e generalizadora do panorama que se desdobra por toda a face do planeta (FM, 14 mar. 1946, p. 2).

Em poucos dias, o líder soviético Josef Stálin também se pronunciaria. Em entrevista ao jornal *Pravda*, órgão oficial do Partido Comunista Soviético, Stálin tachou o pronunciamento de Churchill de provocador e enfatizou a necessidade de manter boas relações com EUA e Grã-Bretanha. Contudo, deixava clara sua posição de combater uma possível intervenção militar ocidental contra o regime soviético (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p. 14).

A entrevista de Stálin ganhou as páginas da imprensa brasileira (OESP, 14 mar. 1946, p. 18; FM, 14 mar. 1946, p. 1; DSP, 14 mar. 1946; CM, 14 mar. 1936, p. 1; JB, 14 mar. 1946, p. 1 e 6). No conjunto, os jornais a tomaram como uma resposta às afirmações do líder britânico sobre as tendências expansionistas da União Soviética. Porém, não atribuíram a mesma importância ao pronunciamento, como bem demonstra o pequeno espaço utilizado pelos periódicos para a sua veiculação. O registro feito pelo *O Estado de S. Paulo* foi inserido na 18ª página e não em sua página inicial, tradicionalmente reservada para assuntos internacionais — expediente que permite inferir sobre a pouca visibilidade concedida pelo órgão impresso à entrevista do líder soviético.

Por sua vez, a redação da *Folha da Manhã* salientou que o governante soviético acusou o ex-premiê britânico de “provocar a guerra para impor o domínio das nações de língua inglesa” (23 mar. 1946, p. 1). Apesar do conteúdo da matéria jornalística, a equipe editorial não teve a preocupação ou, então, o interesse de inserir todo o texto na primeira página, já que parte substancial do material foi veiculada na página seguinte. Provavelmente, dificuldades de diagramação e de paginação contribuíam para que os jornais publicassem parte inicial das reportagens numa página e o restante nas páginas subsequentes, sobretudo para abrir maior espaço aos anúncios publicitários. Esse não foi, contudo, o expediente jornalístico adotado para a veiculação do discurso proferido por Churchill, pois, neste caso, a página de abertura foi utilizada pelos jornais brasileiros.

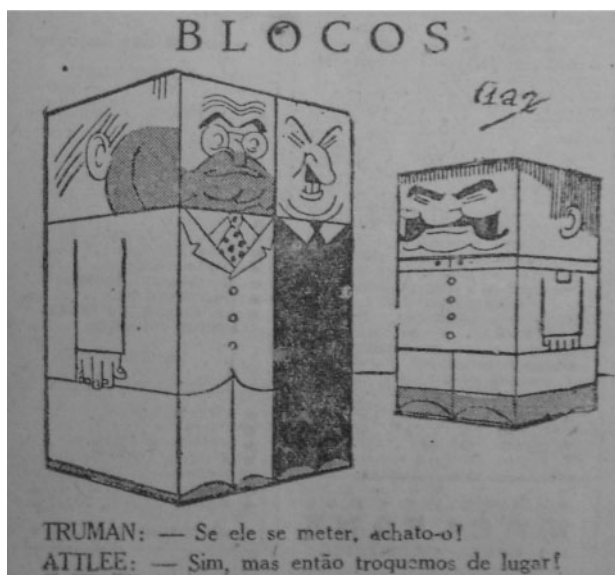
Alguns dias depois, outra entrevista concedida por Stálin ganharia as páginas da imprensa brasileira. Em coluna publicada na sua página inicial, *O Estado de S. Paulo* registrou que as declarações de Stálin visavam acusar os grupos políticos ocidentais de espalharem as sementes da discórdia e da intranquilidade pelo mundo (OESP, 23 mar. 1946, p. 1; FM, 23 mar. 1946, p. 1; 23 mar. 1946, p. 1).

Os desentendimentos entre as nações outrora aliadas começavam a aparecer como uma nota marcante do cenário internacional. O pronunciamento de Churchill e as entrevistas de Stálin indicavam uma mudança nas relações entre os aliados em tempo de guerra e colocavam a possibilidade de um novo conflito como tema diário da imprensa escrita brasileira. De acordo com *O Estado de S. Paulo*, era possível, tanto no discurso de Churchill quanto na entrevista de Stálin, observar duas peças de franco realismo que caracterizavam a situação política do pós-guerra. Para a redação do jornal, os dois discursos registravam a linha de ação do bloco capitalista e do bloco de países de tendência comunista, exigindo, desse modo, que o observador de política internacional se reportasse a eles como ponto de partida de “uma nova fase” nas relações internacionais. E concluía: “não julguemos, contudo, que sobre tal base sejam possíveis quaisquer previsões. Ainda veremos muitas marchas e contra-marchas de cada um dos contendores antes de termos uma vaga idéia acerca das possibilidades de ser conservada ou abruptamente interrompida a paz” (23 mar. 1946, p. 3).

A *Folha da Manhã* e *O Estado de S. Paulo* começavam a relacionar os discursos proferidos pelos dois líderes mundiais com a formação do “bloco capitalista” e, em oposição a este, o bloco de “tendência comunista”. Porém, essa situação não era claramente percebida e nem registrada cotidianamente por todos os veículos de comunicação impressa do Brasil. Mesmo com os pronunciamentos de Churchill e Stálin, os periódicos *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* não veicularam imediatamente material referindo-se à formação dos dois blocos mundiais.

A constituição dos blocos e o compromisso do governo norte-americano de impedir o avanço soviético foram registrados por traços de humor. Intitulada “Blocos”, a charge (Figura 1) veiculada pela *Folha da Manhã* engendrava a representação dos blocos capitalista e comunista:

Figura 1 – Charge: BLOCOS



Fonte: FM, 06 jul. 1946, p. 02.

A maneira como os personagens estão dispostos permite supor a formação dos blocos capitalista e comunista. É interessante notar a posição de Stálin, sugerindo um possível deslocamento em direção aos líderes das duas potências ocidentais ou até mesmo o interesse soviético na região do Leste Europeu. Na sequência da observação de Truman, a resposta oferecida por Attlee indica a liderança dos Estados Unidos no bloco de países capitalistas. Num contexto de expansão da influência soviética, o primeiro-ministro britânico sugeria que o governo norte-americano ocupasse uma posição de destaque no território europeu para, assim, tentar minimizar a influência soviética. Além disso, a fala de Attlee permite inferir que os britânicos reconheciam sua fragilidade material, econômica e, principalmente, militar frente à superioridade norte-americana e, em menor escala, soviética. A disposição dos blocos também possibilita uma leitura da posição geográfica das nações e, em caso de um ataque da direção leste para oeste, primeiro a Inglaterra seria atacada pela União Soviética.

A tensão entre EUA e URSS aumentaria em 1947. Em março, o presidente norte-americano, Harry Truman, solicitou ao Congresso Nacional a aprovação de um auxílio financeiro de 400 milhões de dólares para a Grécia e a Turquia. No seu discurso, Truman definiu a doutrina de ajuda aos governos e aos povos comprometidos em lutar para manter “suas livres instituições contra o comunismo”, indicando, ao mesmo tempo, preocupação com a Europa e com a política interna do seu país (FURET, 1995, p. 468). Com a medida, os Estados Unidos pretendiam conter a ampliação do processo que já havia resultado na instalação de regimes comunistas na Polônia, Bulgária, Romênia e Hungria. Portanto, esse auxílio não pode ser entendido como uma ajuda caridosa ou humanitária para a reconstrução europeia após a Segunda Guerra, mas como socorro econômico com significado e objetivos políticos definidos (DELMAS, 1979, p. 52). Assim, a Doutrina Truman pode ser classificada como “verdadeira exortação contra a expansão do perigo comunista” (MARQUES; BERUTTI; FARIA, 2003, p.17; BETHELL; ROXBOROUGH, 1996, p.309; FICO, 2000, p.165).

O estudioso Ledebev (1983, p. 136) chegou a ressaltar que, sob o pretexto de combater o comunismo, a Doutrina Truman legitimava a intervenção dos Estados Unidos em assuntos internos de outros países para implantar regimes do seu agrado. Reforçava, segundo o autor, postulados anticomunistas da política externa estadunidense e as pretensões do governo norte-americano de exercer a hegemonia mundial. Para Vizentini (2004, p. 73), sua proclamação corroborava com “a noção de *divisão do mundo* expressa por Churchill no ano anterior” e, ao mesmo tempo, “lançava uma verdadeira cruzada do ‘mundo livre’ contra o seu inimigo”.

Aos poucos, os jornais começavam a nomear o embate envolvendo EUA e URSS. Em 1947, o termo Guerra Fria era de uso corrente na imprensa norte-americana. Bernard Baruch, especulador financeiro e conselheiro do

presidente democrata norte-americano Harry Truman, empregou a expressão pela primeira vez ainda em 1947, durante os debates sobre a ajuda econômica que seria concedida à Grécia e à Turquia, no quadro da denominada Doutrina Truman. O jornalista norte-americano Walter Lippmann também passou a utilizá-la para caracterizar certo estilo de relações internacionais, especificamente para descrever e analisar o antagonismo entre potências incapazes de alcançar um permanente estado de paz, mas também cautelosas para não se precipitarem em um conflito parecido com a Segunda Guerra Mundial (DELMAS, 1971, p. 32-33). No entanto, parece possível atribuir o “crédito pelo emprego da expressão Guerra Fria” mais a Lippmann do que a Baruch. Apesar do emprego do termo ter se dado praticamente na mesma época, foi a repercussão dos artigos de Lippmann, no *New York Herald Tribune*, em 1947, que se tornou “responsável pela universalização do termo Guerra Fria para qualificar os conflitos envolvendo a União Soviética e os Estados Unidos após a conclusão da Segunda Guerra Mundial” (MUNHOZ, 2004, p. 263-264).

No final de 1947, a *Folha da Manhã* (11 nov. 1947, p. 4) começou a veicular material jornalístico contendo a expressão Guerra Fria. Além de reproduzir um artigo de autoria do estadista e publicista inglês Lorde Elton, o jornal publicou a colaboração do jornalista inglês Aylmer Wallance sobre o conflito “Leste versus Oeste”. Para Wallance, estava sendo “travada a ‘guerra fria’ do Sr. Lippman” (FM, 04 dez. 1947, p. 4). Com exclusividade no Estado de São Paulo, a *Folha* ainda publicou um artigo redigido por Joseph E. Johnson, chefe da Divisão de Segurança Internacional do Departamento de Estado norte-americano na primeira metade dos anos 1940. Em “O Papel dos Estados Unidos na Política Internacional”, Johnson ressaltou:

Quanto à pergunta “podem os sistema soviético e norte-americano continuar a existir juntos no mesmo planeta ou deverá inevitavelmente haver uma guerra?” o estudante de história deve responder que nunca é inevitável. É demasiadamente evidente, entretanto, que um conflito — o que

alguns chamam de “guerra fria” já começou. Por isso, a pergunta se modifica: “Será que a guerra fria degenerará em guerra quente?” Mais uma vez a resposta é: “não necessariamente”. Na minha opinião, o povo norte-americano, por suas decisões nos próximos anos, determinará a resposta àquela pergunta (FM, 10 dez. 1947, p. 4).

No final de 1947, entretanto, a expressão Guerra Fria ainda não era utilizada cotidianamente para referir-se aos embates travados entre EUA e URSS. Nas publicações observadas, percebe-se que refletir sobre os primeiros lances da Guerra Fria foi preocupação de autores estrangeiros. Embora tenha reproduzido os textos, a *Folha da Manhã* não procurou tratar do tema nos espaços reservados à emissão de opinião, como, por exemplo, editoriais e colunas fixas. Deve-se ressaltar, porém, que a veiculação realizada pelo periódico paulista não ocorreu de forma mecânica. Ao publicar os textos, os jornalistas demonstraram certa suspensão no emprego do termo “Guerra Fria”, como bem sugere o uso de aspas. Para além desse expediente, as letras minúsculas serviram para a sua grafia.

Recurso semelhante foi utilizado pelo jornal *O Estado de S. Paulo*. Com base em material enviado pelas agências telegráficas *France Press*, *Reuters* e *United Press*, o matutino produziu matéria intitulada “Estaria sendo estudado em Londres o rearmamento da Europa Ocidental”, na qual citou trecho do pronunciamento feito por Stafford Cripps, então ministro do comércio britânico, na Câmara dos Comuns. Consta no texto veiculado pelo jornal:

A expressão “guerra fria” — prosseguiu — tornou-se muito familiar e caracteriza os esforços da Rússia e dos seus satélites nos seus ataques constantes contra as democracias da Europa Ocidental e do mundo. Todavia, a ofensiva é mais acentuada contra a Europa Ocidental, por que a Rússia pretende, criando um estado de fraqueza permanente, estabelecer a dominação nessa zona (OESP, 02 nov. 1948, p. 21).

Outro foi o expediente utilizado pelo *O Estado de S. Paulo* na produção dos editoriais. O jornal registrou que estava em pleno processo a “guerra

branca” entre Estados Unidos e a União Soviética e alertou que, mesmo quando aparentemente decresciam as hostilidades, o observador deveria precaver-se contra as aparências, pois, quase sempre, o recuo aparente apenas preparava e antecipava o novo golpe frontal (OESP, 26 set. 1947, p. 3).

O termo foi novamente utilizado pelo matutino paulista em 1948. Na ocasião, o jornal publicou editorial salientando o papel da propaganda soviética como arma para combater os EUA na “guerra branca”:

Na luta contra os Estados Unidos, a Rússia começa a dar sinais de exaustão. Não queremos com isto dizer, está claro, que os dirigentes soviéticos tenham perdido o ânimo ou mostrem intenções conciliatórias, pois a competição continua tão aguerrida quanto antes. Nota-se, contudo, que as armas de propaganda até agora empregadas por Moscou na ‘guerra branca’ e que quase sempre acabam por dar maus resultados, parecem, afinal, constituir os únicos recursos de que dispõem os russos para enfrentar os norte-americanos (OESP, 16 jan. 1948, p. 3).

O termo “guerra branca” foi empregado nos momentos iniciais da conhecida Guerra Fria. É interessante observar que ele foi cunhado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* e utilizado num editorial — espaço jornalístico reservado a texto opinativo. Provavelmente, referia-se ao jogo político-ideológico travado entre Estados Unidos e União Soviética para ampliação de suas respectivas áreas de influência. Nota-se, porém, que a guerra branca não era definida pelas agressões militares ou pelo desencadeamento de conflitos bélicos, mas, ao contrário, pela manutenção das hostilidades no campo diplomático e pelo uso dos veículos de comunicação impressa como plataforma para divulgação dos atos e ideias das potências mundiais pertencentes aos dois blocos.

Além de “guerra branca”, o embate entre os blocos capitalista e comunista também foi nomeado como “guerra de verdade”, “substituição da paz pela espada”, guerra de “propaganda e prestígio” ou “guerra de nervos” (FM, 21 abr. 1948, p. 1; 25 set. 1948, p.2; 24 dez. 1948, p. 4; 06 jan. 1949, p. 1). A despeito de tais classificações, os periódicos também emitiam opinião

sobre as possibilidades de a discórdia entre EUA e URSS desembocar num novo conflito bélico mundial, a exemplo do editorial que, ao mesmo tempo em que destacava o aniversário da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, comentava a incerteza sobre o futuro:

08 de maio assinala o início de uma trégua entrecortada de conflitos, de choques sangrentos, de “guerra fria”, de “cortinas de aço”, de uma corrida em busca de armamentos atômicos. O que está por vir é imprevisível. Só uma certeza persiste: a de que a conflagração passada não foi a última guerra. Outras virão, sem dúvida, até que seja possível eliminar as causas de incompreensão e atritos entre as nações (FM, 08 maio. 1948, p. 4).

Ao longo de 1948, os jornais brasileiros deram ênfase a acontecimentos internacionais que acirraram ainda mais as tensões entre EUA e URSS. A ocupação e a divisão da Alemanha foram noticiadas em primeira página e comentadas nos editoriais. Tanto *O Estado de S. Paulo* quanto o *Jornal do Brasil* atribuíam à União Soviética a responsabilidade pela divisão da Alemanha. Para o periódico paulista, a proposta de unificação das zonas ocidentais de ocupação e o estabelecimento de um governo central alemão não eram medidas seguras para a manutenção da paz no velho continente, pois, avaliava o jornal, a separação de uma “nação em duas partes e, sobretudo, a posição de antagonismos ou, pelo menos, de desconfiança que uma delas assumirá em relação à outra” constituíam “perigos de indisfarçável importância”. O matutino, de modo categórico, atribuía a responsabilidade pelo episódio à URSS:

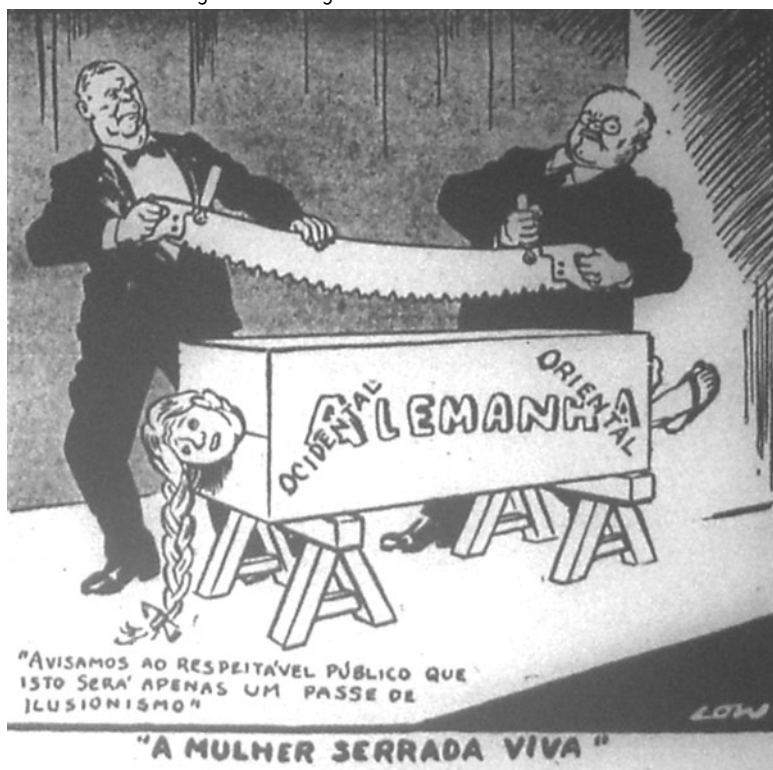
Se, porém, qualquer desses perigos vier a concretizar-se e ameaçar a estabilidade política ocidental, será lícito imputar aos russos a responsabilidade dos males que advêm. Porque, é preciso não esquecer, foram os soviéticos que, recusando a unificação total da Alemanha democrática, fizeram malograr a Conferência de Londres e, com ela, liquidaram as últimas esperanças do apaziguamento entre o Ocidente e o Oriente (OESP, 09 jan. 1948, p. 3).

Os dois jornais informavam ainda que a União Soviética tinha desencadeado uma guerra de nervos em função da ocupação da Alemanha (OESP, 18 jan. 1948, p. 3; JB, 27 fev. 1948, p. 5). Além disso, *O Estado de S. Paulo* ressaltou que a propaganda sobre o acontecimento era o único recurso que os soviéticos possuíam na conhecida “guerra branca” (16 jan. 1948, p. 3).

Se, por um lado, os jornais responsabilizavam a União Soviética por um possível conflito gerado pela ocupação da Alemanha, por outro, registravam a disposição dos líderes ocidentais em negociar com os soviéticos. Publicavam, por exemplo, matérias indicando que o líder britânico Winston Churchill era favorável a um acordo com a URSS (OESP, FM, CM, JB, 24 jan. 1948, p. 1; JB, 23 JAN. 1947, P. 5), transformando, assim, as decisões dos líderes mundiais em elementos vitais para o futuro da paz e do mundo num momento crítico da política internacional.

A ocupação e a divisão da Alemanha também mobilizaram a produção de material jornalístico nos meses subsequentes. O *Correio da Manhã*, por exemplo, veiculou uma charge sobre o tema. O traço gráfico do britânico David Low foi anunciado pelo periódico carioca como um comentário internacional “amargo, lúcido e, às vezes, profético”. Com a carreira construída no jornal britânico *Evening Standard*, David Low obteve reconhecimento internacional por visitar a URSS no início da década de 1930 e produzir charges com as suas observações de viagem. Entre as décadas de 1930 e 1940, produziu abundante material de cunho antifascista, criticando principalmente o líder nazista Adolf Hitler (HOBSBAWM, 1995, p. 372). Intitulada “A mulher serrada viva” e publicada na segunda página do jornal, a charge (Figura 2) apresentava a Alemanha fragilizada sendo dividida pelos líderes mundiais:

Figura 2 – Charge: “A MULHER SERRADA VIVA”



Fonte: CM, 09 maio. 1948, p.1.

Na charge, David Low usou um palco como cenário e, de forma irônica, registrou o espetáculo que marcava as disputas entre a União Soviética e os Estados Unidos. No clássico número de ilusionismo, os ministros do Exterior dos dois países se preparavam para dividir a indefesa Alemanha. Apesar da força empregada e do poder de corte do instrumento utilizado para serrar a mulher em duas partes, a charge recorria ao conhecimento do leitor sobre o habitual final daquele quadro de ilusionismo, e, assim, sugeria que a divisão do território alemão provavelmente ocorreria por um breve período. Além disso, colocava em xeque o sucesso do truque de mágica, uma vez que posicionava os dois ilusionistas atrás do caixote, disputando palmo a palmo o pedaço que lhes caberia na tentativa de dividir a Alemanha.

A maneira como a ocupação da Alemanha foi noticiada pode ser relacionada ao aumento da influência comunista na Europa e ao fato dos periódicos brasileiros desconsiderarem que a permanência soviética nestas áreas havia sido negociada nas Conferências realizadas ao final da Segunda Guerra. Vizontini (2004, p. 70) lembrou que a Conferência de Yalta havia gerado um acordo que visava evitar a existência de governos antissoviéticos nos países limítrofes a URSS. Ademais, a URSS rejeitou o auxílio econômico oferecido pelo governo norte-americano e impôs a mesma rejeição aos seus satélites. Nesse processo, a denominada sovietação da Tchecoslováquia desempenhou papel fundamental na cristalização dos blocos capitalista e comunista (DELMAS, 1971, p. 53).

Com isso, os acontecimentos na antiga Tchecoslováquia adquiriram projeção mundial. A mobilização popular promovida pelo partido comunista e a recusa do governo daquele país em aceitar o plano Marshall deram ensejo para a imprensa mundial denunciar “um golpe comunista em Praga” (VIZENTINI, 2000, p. 203). Em primeira página, jornais veiculavam matérias condenando a organização de um governo comunista na Tchecoslováquia (OESP, 27 fev. 1948, p. 1; JB, 27 fev. 1948, p. 1 e 7). Diante da situação, todos os periódicos classificavam a atuação soviética como uma agressão. Porém, o *Correio da Manhã* ressaltava que o perigo de uma nova guerra residia na existência da denominada “cortina de ferro” e na sua aceitação como fronteira entre os dois blocos políticos por parte dos líderes ocidentais, mas não propriamente na sua transposição por parte dos russos. Tal como consta na sua coluna de assuntos internacionais, era preciso esclarecer que a “cortina asfixiante” tinha sido tolerada, até aquele momento, por “mil e um motivos”, sendo o maior deles “o reconhecimento mundial ao esforço do povo russo”. Mesmo assim, a cortina de ferro não poderia ser tolerada indefinidamente (CM, 27 jan. 1948, p. 1).

Por sua vez, *O Estado de S. Paulo* registrou que, com espantosa rapidez, a Tchecoslováquia havia passado do estado de “democracia culta e policiada” a “ditadura brutal e cega”. E avaliava que o desafio estava lançado para os países do bloco capitalista, já que:

se uma nova guerra, cuja ameaça volta a pairar sobre nossas cabeças, for evitável, só poderemos exterminá-la no nascedouro com energia e decisão. E ainda com energia e decisão devemos agir caso se manifeste inevitável o novo conflito, pois, como nos ensinou o passado recente, cada semana de hesitações representará, inevitavelmente, um ano mais de tragédia no futuro (29 fev. 1948, p. 3).

Dias depois, um editorial do jornal paulista classificou como “imperturbável a marcha agressiva” da União Soviética que, provavelmente, preparava novos planos e novas vítimas (OESP, 03 mar. 1948, p. 3). Em oposição à política expansionista soviética, os jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha da Manhã* noticiavam que o governo norte-americano preparava uma declaração contra novas intervenções em países europeus (FM, 04 mar. 1948; OESP, 06 mar. 1948) e se posicionavam em editoriais. O matutino produzido pela família Mesquita, por exemplo, julgava que o imperialismo soviético marchava para exigir das democracias “não apenas um movimento de defesa, mas o contra-ataque decidido e imediato, único obstáculo capaz de deter Stálin em sua aventura megalomaniaca”. E concluía que a União Soviética havia se tornado “uma ameaça à paz mundial”, situação que exigia a imediata ação da Organização das Nações Unidas (ONU) (14 mar. 1948, p. 3). Já o *Jornal do Brasil* não defendeu a atuação do organismo internacional, mas a ação direta dos países europeus, publicando matérias sugerindo que o Oeste Europeu deveria “reagir contra a expansão soviética” e as potências ocidentais unirem-se para enfrentá-la (05 mar. 1948, p. 5; 10 mar. 1948, p. 7).

Por sua vez, o *Correio da Manhã* publicou, no centro da sua página inicial, a ilustração intitulada “Conquistas sem guerras” (Figura 3), com dois

mapas⁹ para demonstrar o processo de conquistas empreendido pelos soviéticos:

Figura 3 – Mapa: CONQUISTAS SEM GUERRA



Fonte: CM. 07 mar. 1948, p. 1.

Com o intuito de impactar o público leitor, o primeiro mapa indicava o continente europeu antes da Segunda Guerra. Já o segundo se referia ao quadro pós-guerra, estampando em vermelho as nações sobre a influência soviética no Leste Europeu. A escolha da cor para destacar as partes do mapa não parece ter sido aleatória, pois o vermelho era facilmente identificado com o movimento comunista internacional. Tanto a cor utilizada quanto o

⁹ Em outros momentos, os jornais também utilizaram outros mapas para ilustrar as questões territoriais durante a Guerra Fria. Ver, por exemplo, o mapa sobre a formação dos blocos “ocidental” e comunista no jornal *O Estado de S. Paulo* (09 out. 1949, p. 1).

confronto entre os dois mapas permitiam ao leitor visualizar o “expansionismo do comunismo soviético”. Ambos foram seguidos de uma nota explicativa que procurava demonstrar o “alcance do imperialismo soviético”, comparando-o ao processo de conquista empreendido pela Alemanha nazista, e indicando, ainda, a extensão territorial sob influência soviética como sendo maior do que aquela que ficou sob o domínio dos nazistas. Ademais, os mapas não haviam sido produzidos pelo *Correio da Manhã*, pois eram reproduções de originais publicados no tradicional periódico francês *Le Figaro*, tido como órgão conservador de direita. Portanto, sua veiculação fornece indícios da visão do matutino carioca sobre a atuação soviética na Europa e também aponta para um contato com a imprensa francesa (CM, 07 mar. 1948, p. 1).

Em decorrência de outro evento no cenário internacional, a dificuldade em manter a paz mundial voltaria a figurar como assunto na pauta da imprensa brasileira. Em julho de 1948, os aliados ocidentais realizaram uma reforma econômica nas áreas por eles controladas na Alemanha, objetivando, sobretudo, integrá-la à Europa Ocidental. Com o intuito de dificultar o abastecimento da região, Stálin decretou o bloqueio terrestre de Berlim Ocidental, acreditando que a medida levaria ao recuo da política norte-americana para a Alemanha. Ao contrário do que pretendia o líder soviético, a área ocidental da cidade foi abastecida por uma ponte aérea durante quase um ano e o acontecimento foi amplamente explorado pela propaganda antissoviética do governo norte-americano (VIZENTINI, 2000, p. 203).

Importa observar que a crise de Berlim se configurou como um momento de alerta no quadro de Guerra Fria. Ademais, o acontecimento pode ser interpretado como um prefácio à fundação de um Estado alemão na zona oriental, um sinal sobre a possibilidade de desencadeamento de uma terceira guerra mundial e, provavelmente, uma primeira tentativa do governo

soviético de procurar conhecer as resoluções políticas e militares dos seus adversários ocidentais (FURET, 1995, p. 472-3). Em certo sentido, a crise de Berlim poderia ter resultado num novo conflito bélico depois da Segunda Guerra (LEBEDEV, 1983, p. 139).

O bloqueio de Berlim foi amplamente noticiado pelos jornais, que destacavam principalmente a gravidade da crise e a atmosfera de guerra¹⁰, sempre indicando que a ação soviética colocava o mundo próximo de um conflito, como registrou *O Estado de S. Paulo*:

Durante a última semana, a batalha “fria” de Berlim desenvolveu-se em toda a sua aspereza e chegou finalmente ao limite. Mais um passo em falso por parte dos russos e entraríamos no campo da guerra e das batalhas “verdadeiras”. É lícito esperar que tal passo não será dado. Por ora, tem-se a impressão de que Moscou aguarda a nota das três potências Ocidentais a propósito do Bloqueio ferroviário de Berlim, como a base para uma negociação entre os quatro e para um reexame geral da situação (06 mar. 1948, p. 1).

Na conclusão do texto, o articulista do jornal considerava a semana “diplomática” decisiva, pois era chegado o momento de fazer uma opção no cenário internacional. Desse modo, salientava a necessidade de escolher: “ou se continua assim até o irreparável, ou as coisas serão encaminhadas honesta e intencionalmente em direção à paz. Ninguém pede a Rússia que ceda. Pede-se-lhe apenas que não pretenda que os outros cedam” (OESP, 06 jul. 1948, p. 1).

Note-se que o jornal substituíra o termo “guerra branca” — usado até então para se referir ao embate diplomático ou à propaganda dos blocos capitalista e comunista — pela expressão “batalha fria de Berlim”, sem deixar, contudo, de avaliar que essa “batalha” atingia o limite, sendo que, mediante mais um passo dos soviéticos, o mundo se veria envolto em nova guerra.

¹⁰ Como por exemplo: OESP (04, 06 e 28 jul. 1948; 08 jul. 1948; 25 ago. 1948), FM (25 jun. 1948; 07 ago. 1948), CM (06 jul. 1948) e JB (02, 04, 10, 13, 17 e 20 jul. 1948).

Entretanto, a crise de Berlim não desembocou no enfrentamento bélico entre as duas potências mundiais. Dias depois, a coluna publicada na página inicial de *O Estado de S. Paulo* indicava que “a última semana” fora “empolgada pela crise de Berlim ou, antes, para usar uma fórmula mais ampla, pela crise das relações entre a Rússia soviética e as potências ocidentais. Relações de tal forma tensas, que se chegou a considerar a possibilidade de uma ruptura imediata”. Porém, concluía que nenhuma das nações tinha “a intenção — por ora, pelo menos — de chegar a extremos perigosos” (27 jul. 1948, p. 1).

O embate entre os líderes mundiais sobre o bloqueio de Berlim prosseguia e, conseqüentemente, a imprensa escrita brasileira veiculava matérias com os sugestivos títulos: “Stálin lançou sobre as potências ocidentais a responsabilidade pela tensão internacional”; “Impossível negociações com Moscou enquanto prevalecer o bloqueio de Berlim”; “As atitudes inamistosas dos soviéticos tornaram quase impossível a solução da crise de Berlim”; “Somente na solidariedade contra as agressões reaparecem as perspectivas de paz”; “Truman aponta a Rússia como obstáculo à paz mundial”.

O conflito entre os blocos capitalista e comunista, liderados por Estados Unidos e União Soviética, também foi tema de uma charge (Figura 4) veiculada na *Folha da Manhã*. Como era comum no período, a ilustração não foi publicada numa página ou caderno referente aos assuntos internacionais. Uma pequena nota sobre a inauguração da sala de imprensa da prefeitura de São Paulo e um anúncio publicitário sobre o mercado imobiliário da capital paulista figuravam ao lado da charge abaixo:

Figura 4 – Charge: “A PAZ QUEREMOS COM FERVOR”



Fonte: FM, 13 fev. 1949, p. 1.

Intitulada “A PAZ QUEREMOS COM FERVOR” e inicialmente publicada na *Folha da Noite*, a charge ressaltava o embate entre Stálin e Truman. Na imagem reforçada pela legenda, Truman encontrava-se em meio a barras de gelo que começavam a derreter, uma possível alusão à passagem da situação de Guerra Fria para guerra quente. Ao mesmo tempo, no diálogo travado entre os dois, Stálin era o responsável pelo “gelo” e por questionar Truman sobre a manutenção da “guerra fria”. Assim como na maioria dos textos publicados, o termo “guerra fria” era grafado em letras minúsculas e entre aspas — expediente provavelmente adotado em função da dificuldade encontrada na produção de análises sobre o momento internacional ou, então, em decorrência da possibilidade de transformação desse estágio de relações numa guerra nos moldes tradicionais.

Mesmo antes do fim do bloqueio de Berlim, a associação entre ação do bloco capitalista, desfecho da Guerra Fria e manutenção da paz mundial ficou evidente nas páginas do *Correio da Manhã*. No artigo intitulado “Palavras e fatos”, a redação do jornal ressaltava:

Querer a paz é saber ganhar guerra fria e saber criar condições dentro das quais poderão os povos livres “resistir” indefinidamente e sem desfalecimento. Seja na ordem econômica ou intelectual, no plano militar ou educacional, pela ação da diplomacia ou pela dos governos, da imprensa e dos sindicatos, pela colaboração dos cristãos e pela dos sábios e escritores, faz-se mister que tudo se ponha ao serviço da compreensão mútua dos povos, para contribuir a associar os seus interesses e a desenvolver o espírito de solidariedade, tolerância e justiça (CM, 04 fev. 1949, p. 1).

Apesar do temor de uma nova guerra registrado nas páginas impressas, o bloqueio de Berlim foi suspenso sem o início de um novo conflito mundial. Em maio de 1949, os jornais anunciavam a eventual suspensão do bloqueio por parte dos soviéticos, sinalizavam a perspectiva de manutenção da paz mundial e veiculavam manchetes sobre a liberdade de circulação na cidade alemã, como bem sugerem os títulos estampados em primeira página: “Reiniciado o trânsito entre as zonas Ocidental e Oriental da Alemanha”; “Circula-se livremente em Berlim”; “Berlim: trânsito livre!”; “A paz da liberdade”.¹¹

Porém, *O Estado de S. Paulo* veiculou material questionando a relação entre suspensão do bloqueio e fim da Guerra Fria. Vale observar o artigo intitulado “O Grande Acontecimento”. Nele, o político, jurista e jornalista espanhol J. Alvarez de Vayo ressaltou:

a guerra fria é um estado de coisas muito pouco natural para ser mantido indefinidamente. Há um mês atrás, quando o conhecido historiador inglês Arnold Toybee, falando num banquete do “New York Tribune”, declarou que a guerra fria poderia durar dez anos, ou mais, de novo me estarreci em face das limitações dos intelectuais quando se aventuram no campo da política. A

¹¹ Respectivamente, JB (12 maio. 1949, p. 5), CM (12 maio. 1949, p. 1), FM (12 maio. 1949, p. 1) e OESP (13 maio. 1949, p. 3).

guerra fria não poderia prosseguir: teria de se transformar na paz ou na guerra (OESP, 15 maio. 1949, p. 5).

Os demais jornais não veiculavam avaliações sobre a capacidade dos intelectuais para analisar a Guerra Fria, porém indicavam o papel dos Estados Unidos para seu desfecho. Consta em coluna veiculada no *Correio da Manhã* que o bloqueio soviético era como “uma brasa” que continuava a “arder ameaçando o mundo, depois de apagado o incêndio da última guerra”. E que a atitude das “Nações Democráticas, paciente e enérgica, pôde mais uma vez afastar o perigo” (CM, 07 maio. 1949, p. 1). Por sua vez, a *Folha da Manhã* reforçou que os Estados Unidos caminhavam para ganhar a Guerra Fria com o fim do bloqueio de Berlim (27 maio. 1949, p. 1).

Ainda em 1949, o termo Guerra Fria já fazia parte do vocabulário de homens ligados ao campo político brasileiro. Osvaldo Aranha pode ser considerado um exemplo. Liberal, anticomunista e defensor da família como base da sociedade, o político gaúcho passou a nutrir uma profunda admiração pelos EUA e pelas instituições norte-americanas, sobretudo a partir da sua nomeação como embaixador brasileiro em Washington. Desde a década de 1930, defendia a construção de relações especiais com os Estados Unidos. Entre 1938 e 1944, atuou como ministro de Relações Exteriores. No cargo, exerceu papel fundamental na negociação do apoio brasileiro às Nações Unidas na luta contra o nazifascismo. Além disso, ocupou a presidência da entidade cívica Sociedade dos Amigos da América em 1943 e 1944. Participou da organização da União Democrática Nacional (UDN) e, na política externa, atuou junto às Assembleias da ONU na segunda metade da década de 1940 (HILTON, 1994). Trechos do pronunciamento de Aranha sobre a situação internacional e a posição do Brasil foram reunidos em matéria publicada na *Folha da Manhã*. Aranha argumentou que, mesmo com o desfecho da Segunda Guerra Mundial, o mundo continuava “doente e sem paz”, exigindo que a ONU atuasse para “descobrir os acontecimentos, a fim de expô-los ao

conhecimento mundial”, e, assim, preparar “o mundo para recebê-los, remediá-los e resolvê-los”. Considerou não existir “missão mais árdua, mas, também mais necessária e útil”, pois “um mundo avisado” seria sempre “um mundo melhor” e “mais preparado para pensar e agir, para refletir e resolver”. Também procurou diferenciar “guerra fria” de “paz fria”:

A ‘guerra fria’ é uma revivescência do ‘political power’, ao passo que a ‘paz fria’ é obra vagarosa e paciente, mas tenaz e eficaz da persuasão sobre a força, da razão sobre a necessidade, da livre discussão sobre a diplomacia secreta, da deliberação em comum sobre as imposições arbitrárias e unilaterais. Alguns anos, talvez decênios, serão necessários para essa modificação (FM, 23 out. 1949, p. 3).

Convém salientar que a *Folha da Manhã* publicou trechos do discurso, utilizando o termo “guerra fria” entre aspas e em letras minúsculas. Apesar da conotada suspensão no uso do termo e certa dificuldade em definir o cenário internacional, a publicação demonstrava que a Guerra Fria já fazia parte do vocabulário de diplomatas brasileiros. Tais agentes do Estado catalisavam a atenção da mídia, primeiramente por visitarem o exterior (DANESE, 1999, p. 67). Porém, outros motivos levavam o jornal a recorrer a Osvaldo Aranha — ou a outro membro do corpo diplomático — como fonte de informação. As instâncias governamentais funcionam como fontes oficiais e pressionam os jornais, exercendo o monopólio da informação vista como legítima. Vale lembrar que algumas autoridades ligadas ao Estado possuem poder simbólico e capacidade para definir e intervir na pauta diária dos assuntos publicáveis na imprensa (BOURDIEU, 1997, p. 101-2). Ademais, as citações serviam como importante estratégia para conferir “o efeito de objetividade”, com a pretendida imparcialidade e isenção. Há que se considerar que o uso do discurso de outro nunca é neutro e, ao narrar ou reconstruir o discurso de outro, o jornal, muito provavelmente, sintetizava o enunciado e suprimia particularidades expressivas (BENITES, 1995, p. 4 e 24).

Outro expediente também foi adotado pelos órgãos da imprensa escrita brasileira. Alguns periódicos começavam a utilizar o termo Guerra Fria para intitular matérias jornalísticas. Entre princípios de 1948 e meados de 1949, a expressão figurava em alguns títulos. CORAÇÃO FRACO E GUERRA FRIA (FM, 20 fev. 1948, p. 4), FRENTE ECONÔMICA DA GUERRA FRIA (FM, 28 JAN. 1949, P. 1), O PREÇO DA GUERRA FRIA (FM, 30 abr. 1949, p. 4), INDÍCIOS DA VITÓRIA NA GUERRA FRIA (FM, 03 jun. 1949, p. 4) e A GUERRA FRIA (OESP, 23 ago. 1949, p. 8) são apenas alguns exemplos. Em fins de 1949, portanto, a expressão Guerra Fria já era empregada para nomear matérias e artigos, configurando a transição de um momento de suspensão no seu uso para a impressão em títulos com letras garrafais.

Considerações finais

A cobertura jornalística sobre o início da Guerra Fria permite observar que os jornais *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã*, *Diário de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* possuíam instrumentos para gerar programas, análises, comentários, conceitos e acontecimentos, criando produtos políticos que representavam o mundo social (BOURDIEU, 2000). É preciso considerar, porém, que tais representações estavam colocadas num campo de concorrências e competições em que grupos, conjuntos de pessoas ou indivíduos utilizavam mecanismos para impor ou tentar impor concepções de mundo social e valores. Como asseverou Jeanneney (1996, p. 223), os meios de comunicação se (re)copiam em círculos nos momentos de elaboração, difusão e extinção da informação. Ou como ressaltou Busseto (2008, p. 15-16), a mídia impressa não deve ser tomada somente como “manancial de informações” para o estudo de um período histórico, sem que o pesquisador se ocupe com “a dinâmica e os efeitos de concorrência” no interior do próprio jornal e entre as diferentes mídias. Ao contrário,

evidenciou a necessidade de compreendermos as relações sociais que os periódicos estão vinculados e “as pressões que por vezes possam estar submetidos”, conferindo historicidade aos meios de comunicação social e aos seus produtos.

Os jornais utilizavam, desse modo, expedientes para nomear, classificar e hierarquizar os acontecimentos do mundo social. Em textos e imagens, informavam, analisavam e construía representações sobre o início da Guerra Fria. Essa não foi, contudo, uma tarefa simples. Algumas dificuldades foram registradas nas páginas impressas, principalmente os obstáculos criados pela proximidade temporal com os eventos. Com frequência, os jornalistas comentavam que somente com a passagem dos anos poderiam ser produzidas avaliações mais completas sobre as tensões e embates que atormentavam o cenário internacional. Em algumas ocasiões, chegavam a fazer alusão ao trabalho do historiador sobre aquela conturbada conjuntura internacional.

Para tratar do cenário internacional no período compreendido entre 1946 e 1949, a maior parte das publicações realizadas pelos jornais brasileiros se pautou em material enviado pelas agências internacionais de notícias ou, então, em textos produzidos por políticos e jornalistas estrangeiros. Além de figurarem como publicações, esses materiais alimentavam os jornalistas brasileiros na ainda incipiente produção de colunas fixas, artigos, charges e editoriais sobre os anos iniciais da Guerra Fria.

Depois de registrarem as marchas e contramarchas do jogo político internacional, os jornais começavam a nomear a situação internacional pós-Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, os jornalistas demonstraram certa suspensão no emprego do termo “guerra fria”, como sugere o uso de aspas e letras minúsculas. Com frequência, as expressões “guerra branca” e “batalha fria” também foram utilizadas. Aos poucos, a expressão Guerra Fria foi

deslocada dos textos para os títulos das matérias. E, além disso, começava a figurar no vocabulário político de diplomatas brasileiros, como sugere o pronunciamento de Osvaldo Aranha na Assembleia da ONU, que foi reproduzido pela *Folha da Manhã*.

Como órgãos marcadamente anticomunistas, os jornais pesquisados analisavam o contexto internacional e, aos poucos, posicionavam-se ao lado dos interesses das nações do chamado bloco capitalista. É certo que os órgãos da mídia integravam o “jogo político” e a “própria construção do acontecimento histórico” (ABREU, 1996, p. 9). Mesmo com dificuldades de informar e produzir análises sobre o início da Guerra Fria, os periódicos não devem ser tomados como veículos imparciais e neutros, que se isolam da realidade política e social em que estão inseridos para a transmissão de informação ao público leitor (CAPELATO; PRADO, 1980). A mídia exerceu, portanto, papel fundamental na transcrição, representação e produção do acontecimento político (RIOUX, 1999, p. 122-123). Não foi diferente com o material jornalístico sobre um momento internacional muito específico: os primeiros lances do início da Guerra Fria.

Referências

ABREU, Alzira A. (Org.). *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ANTUNES, Rafael Henrique. *Pra não dizer que não se falou de flores: a repercussão da Revolução dos Cravos na imprensa do Brasil (1974-1976)*. Assis, 2010. 233 fls. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.

BENITES, Sônia Aparecida Lopes. *O discurso relatado no jornal e a ilusão da objetividade*. Assis, 1995. 218 fls. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdades de Ciências e Letras, UNESP.

BETHELL, Leslie; ROXBOROUGH, Ian. *América Latina: entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

BIAGI, Orivaldo. *O imaginário e as guerras da imprensa: Estudo das coberturas realizadas pela imprensa brasileira da Guerra da Coréia (1950-1953) e da Guerra do Vietnã na sua chamada “fase americana” (1964-1973)*. Campinas, 2001. 280 fls. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BUSETTO, Áureo. A mídia brasileira como objeto da história política: perspectivas teóricas e fontes. In. SEBRIAN, Raphael Nunes et. al. (Orgs.). *Dimensões da política na historiografia*. Campinas: Pontes Editores, 2008.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia. *O Bravo matutino: imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

CHILCOTE, Ronald H. *Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração (1922-1972)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

DANESE, Sérgio. *Diplomacia presidencial: história e crítica*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

DELMAS, Claude. *Armamentos nucleares e Guerra Fria*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DE LUCA, Tânia R. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In. MATINS, Ana L.; LUCA, Tânia R. de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

FICO, Carlos. O Brasil no contexto da Guerra Fria: democracia, subdesenvolvimento e ideologia do planejamento (1946-1964). In. MOTA, Carlos G. (Org.). *Viagem incompleta – a experiência brasileira (1500-2000): a grande transição*. São Paulo: Editora Senac, 2000.

FURET, François. *O Passado de uma Ilusão: Ensaio Sobre a Idéia Comunista no Século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995.

HILTON, Stanley. *Oswaldo Aranha: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

JEANNENEY, Jean-Noel. *Uma história da comunicação social*. Lisboa: Terramar, 1996.

LEDEBEV, N. *La URSS en la política mundial*. Trad. Espanhol com acréscimos de O. Karandashov. Moscou: Editorial Progreso, 1983.

- LEFFLER, M.; PAINTER, D. *Origins of the Cold War*. 2.ed. London: Routledge, 2005.
- MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa; FARIA, Ricardo de Moura. *História do tempo presente: textos e documentos*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “Perigo Vermelho”*: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O perigo é vermelho e vem de fora: o Brasil e a URSS. *Locus*. Juiz de Fora, v. 3. n. 2, p. 227-246, 2007. Disponível em <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/131.pdf>>. Acessado: 10 de nov. 2013.
- MUNHOZ, Sidnei. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *O século sombrio: uma história geral do século XX*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2004.
- NATALI, João Batista. *Jornalismo internacional*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PERES, Andréa Carolina Schvartz. *Enviado especial à ...: uma análise antropológica da cobertura da imprensa brasileira das guerras da ex – Iugoslávia (anos 90)*. Campinas, 2005. 279 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp.
- REICHEL, Heloisa Jochims. O “perigo vermelho” na América Latina e a grande imprensa durante os primeiros anos da Guerra Fria (1947-1955). *Diálogos*. Maringá, v. 8. n.1, p. 189-208, 2004.
- RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnes. *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.
- RODEGHERO, Carla Simone. *Capítulos da Guerra Fria: o anticomunismo brasileiro sob o olhar norte-americano (1945-1964)*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- SMITH, Joseph. *The Cold War (1945-1965)*. New York: Basil Blackwell, 1989.
- SOTANA, Edvaldo Correa. *A paz sob suspeita: representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial (1945-1953)*. Assis, 2010. 272 fls. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.
- SOTANA, Edvaldo Correa. *Relatos de viagens à URSS em tempos de Guerra Fria: uma prática de militantes comunistas brasileiros*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2006.
- VALIM, Alexandre Busko. *Imagens vigiadas: uma história social do cinema no alvorecer da Guerra Fria (1945-1954)*. Niterói, 2006. 325 fls. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal Fluminense.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. A Guerra Fria. In: REIS FILHOS, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste. *O século XX: o tempo das crises (revoluções, fascismos e guerras)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VIZENTINI, Paulo G. Fagundes. *A Guerra Fria: o desafio socialista à ordem americana*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

